

BIBLIÔ N°5

Boletim eletrônico das bibliotecas da EBP

fevereiro 2013

EDITORIAL

“A psicanálise não é apenas questão de escuta, *listening*, ela é também questão de leitura, *reading*. No campo da linguagem, sem dúvida, a psicanálise toma seu ponto de partida da função da palavra, mas ela a refere à escritura. Há uma distância entre falar e escrever, *speaking and writing*. É nesta distância que opera a psicanálise, é esta diferença que a psicanálise explora”.

Jacques-Alain Miller, *Ler um sintoma*.

<http://ampblog2006.blogspot.com.br/2011/08/jacques-alain-miller-ler-um-sintoma.html>

O livro é algo que se escreve. E como na leitura que faz Lacan sobre a carta/letra no conto de Poe, através dele – do conto ou do livro - algo circula e ultrapassa sua dimensão de mensagem.

O livro é, também, algo que se lê. O percurso do significante na experiência analítica culmina na redução à cifra de gozo. Para além da miragem da verdade está a fixação do gozo e a opacidade do real.

Seguindo a orientação política da FIBOL, em que as Bibliotecas funcionam como um elo prático na ação lacaniana, esta quinta edição do BIBLIÔ apresenta textos e resenhas que circunscrevem recentes publicações no âmbito da EBP. A escrita deixa marca e a transmissão promove a leitura crítica, movimentando debates. Nesta edição, o livro está presente nos lançamentos, nas atividades propostas pelas Diretorias e Coordenações de Biblioteca, ou seja, está em seu justo lugar!

Boa leitura!

Ana Martha Maia

LANÇAMENTOS

GARCIA, Célio. *Estamira, novas formas de existência: por uma clínica da carência*. Belo Horizonte: Oficina de Arte e Prosa, 2011. (Coleção Clínica do Social).

Fazer a resenha do livro de Célio Garcia *Estamira, novas formas de existência: por uma clínica da carência*, foi para mim uma verdadeira travessia. As palavras de Célio Garcia são preciosas e insubstituíveis, fruto da precisão de seu trabalho.

Para a organizadora da Coleção Clínica do Social, Débora Matoso Costa, um começo se dá com *Estamira*, filme documentário dirigido por Marcos Prado, que conta a história de uma portadora de sofrimento mental que trabalha e se institui em uma comunidade de catadores de lixo do Jardim Gramacho, Rio de Janeiro.

Célio Garcia, aceitando a provocação trazida por *Estamira* e Marcos Prado, continua, nesse livro *Estamira, novas formas de existência: por uma clínica da carência*, as discussões suscitadas acerca da Psicanálise e do cinema, da “Clínica da Carência”, das políticas públicas e da “política dos objetos”, das soluções particulares buscadas por cada um – Estamira, Marcos Prado e Célio Garcia. Nesse livro, vemos as interfaces entre a Psicanálise, o cinema e *Estamira* na formação do psicanalista Célio Garcia. Ele diz: “Célio Garcia se modificou com *Estamira*.” Psicanalista atento à subjetividade de sua época, lembra que o nascimento do cinema é contemporâneo ao nascimento da Psicanálise e logo suas existências se entrelaçaram. A discussão trazida pela Psicanálise sobre o real e a realidade, sobre a natureza das imagens que afetam os homens, tange também ao cinema.

Para Célio, a partir da psicanálise consideramos que “o que está em jogo não é a representação, véu encobridor que protege o sujeito, mas o que se apresenta como real (p. 7).” Através de *Estamira*, vemos que a fascinação produzida pela imagem em nossos dias é tomada pela psicanálise por um outro viés: “A imagem, enquanto um véu que esconde a falta, revela a dimensão da ilusão em que se cai quando permanecemos apenas no registro da imagem.” Deparamo-nos com um sujeito que se vê às voltas com suas “captações” imaginárias, com a ilusão pertencente ao registro próprio da imagem.

Segundo Célio Garcia, vemos surgir mais um capítulo da história da imagem quando se abandona o que sempre foi um peso para ela, a saber, o compromisso com a “analogia”, passando a imagem a ser “numérica”. Uma discussão complexa e atual. “A síntese numérica já não reduz o sujeito ao ponto geométrico do olho, nem permite ao utilizador identificar-se com o ponto de vista transcendente do criador (p. 8).” A poética, nos lembra Célio, está em criar e recriar, refazendo as palavras e os objetos.

Célio ressalta que, no filme *Estamira*, o destino dos personagens torna-se tão importante quanto os fatos que o documentário pretendia registrar. Assim, “a verdade está no processo subjetivo, na subjetividade, mais do que nos fatos, nas fotos, nos fastos, mesmo quando se trata daqueles ‘cabras marcados’ (p. 10).”

Em *Estamira, novas formas de existência: por uma clínica da carência*, revemos a existência de Estamira no mundo: ela é portadora de sofrimento mental, psicótica, atendida por um serviço de saúde mental. Medicada, está sob o efeito de psicofármacos. Estamira faz sua trajetória própria, inventa seu

território. Mas, como pontua Célio, seu sofrimento, mesmo não sendo “crônico”, tem a duração de uma vida. Sabemos que ela não ficou internada em hospitais nem em outros serviços afins. Para Célio, Estamira funciona em outra temporalidade e estabeleceu seu próprio “território”. Propondo uma outra clínica para Estamira, Célio diz: “Este território tem sua angústia, é bem verdade, mas, para chegar até lá, temos que ir além do bio-médico-psicológico, onde ficam as novas formas de existência (p. 12).”

A “nova forma de existência” diz respeito à trajetória de *Estamira*, descrita por Marcos Prado no filme, em que a vemos criar novas maneiras de a loucura habitar nosso mundo globalizado, sem passar por internações, como nos diz Célio Garcia, apenas se servindo da medicação existente em nossos dias e posta a sua disposição.

Por meio da personagem Estamira, Célio nos introduz no universo dos *irregulares*: aqueles que são supostamente excluídos, mas que, ao mesmo tempo, nos dizem como continuar.

O filme mostra Estamira como uma flor de lótus no pântano, emergindo com sua existência singular, fazendo-se ouvir, ultrapassando as barreiras do lixo com sua filosofia poética. Segundo Célio Garcia:

“Lixo, resto, refugo, porcaria [...] são noções a serem definidas neste campo específico do saber, com recortes tecnológicos, antropológicos e filosóficos.” E define: “O **resto**, o que é posto de lado, por vezes para ser esquecido, por vezes contém o sentido original o qual, queiramos ou não, prolifera no mundo. De fato, a perda e suas diversas modalidades nos remetem à matéria, o material, sua capacidade de recuperação volta ao ciclo natural das coisas. [...] O **lixo**, o que é rejeitado, parte ruim no produto tão bem embalado, antes consumido, agora motivo de nojo, desprezo. [...] O **refugo** que nos faz dispensar o inútil, o ridículo, o insignificante tão pouco merece atenção por parte de nosso espírito, por hábito tão distante da matéria, da natureza (p. 19)”. “**Dejeto**: se o objeto é dejeto, o sapato velho é material reciclável. Vamos apreciar devidamente a matéria no dejeto (p.36).”

Assim, a “Clínica da Carência” surgiria como uma ponte entre o sistema, formado por especialistas, e o povo, uma vez que a criatividade em jogo numa invenção sintomática advém sem que nenhuma ciência seja avisada.

A partir do que Célio denomina uma “lógica da predicação”, emergem questões sobre a transformação necessária para que se possa abandoná-la. A noção de “novos usos” foi fundamental para as invenções surgidas na “Clínica da Carência”. Os novos usos dos objetos, ressaltados por *Estamira*, são destacados por Célio Garcia:

Os *irregulares* desmarcam objetos. Desmarcar os objetos resulta em prática política (uma política dos objetos) que com frequência resolve impasses, afasta entraves, amplia horizontes, desfaz pontos de estrangulamento nas políticas públicas que assim se fazem inócuas (p. 32).

Podemos ver que “a psicanálise e o cinema contemporâneos, inteiramente integrados ao século que os viu nascer, se implicaram grandemente com as questões atinentes à imagem, à imagem dos objetos (a fotografia), a uma política dos objetos (p. 36).”

Nas políticas públicas, nos diz Célio, encontramos a retórica do “fazer”, que, não obstante, assegura um organismo articulado. Os *irregulares* nos apresentam a poética do “refazendo” – não somente criam, mas recriam. Para Célio, a “Clínica da Carência” coloca a Psicanálise e a Prática Política em contato com “novas formas de existência”. Assim, a “Política dos Objetos” surge ou acontece justamente quando a “Política Pública” se ausenta ou não comparece. Os *irregulares*, a quem se dirige a “Clínica da Carência”, conhecem os objetos descartados, objetos desprovidos de propriedade, de marcas, desmarcados, e lidam com os objetos na sua materialidade, tirando dele seu sustento. “Assim, encontramos nosso público entre os catadores de lixo, coletores de material descartável, moradores de rua, construtores de barracos, grafiteiros, pichadores, jovens infratores (p. 68).”

A criatividade surge das circunstâncias da vida. O trabalho clínico na “Clínica da Carência” testemunha a criatividade e a invenção na luta pela sobrevivência. Os *irregulares*, situados entre a sociedade civil e o Estado, nos diz Célio, nos colocam a questão: “*como viver junto*”? O mundo globalizado traz um mundo “sem fronteiras”? Certamente que não – na sociedade temos diferentes grupos e, na periferia, grupos rivais. O Estado moderno é um Estado de exclusão; então, “*como viver junto*”?

Célio nos alerta de que os termos *inclusão* e *exclusão* não devem ser tratados de maneira simplificada. Estamira, personagem dessa construção, marcou seu *território*. Os territórios marcam distâncias, ocupações, levando ao problema da *soberania*. A globalização ultrapassa os limites que chamamos território, sua delimitação.

A questão assume duplo interesse quando trazemos a questão da soberania. [...] Acossado pela ideia de ser soberano numa determinada situação, ou simplesmente comprometido com a soberania, o sujeito em questão lança mão de recursos os mais variados (p. 55).

Célio nos descreve algumas experiências terapêuticas e comunitárias que estabelecem um laço e respondem ao “como viver juntos”, como oficinas realizadas em instituições de recuperação, experiências em “currais” ou mesmo oficinas de capoeira. É preciso fazer valer os laços discursivos e os outros tipos de laços. Fica destacada a dificuldade de obter resultados com os equipamentos disponíveis nas instituições em nossos dias. E a questão permanece: como viver junto?

A vida nua e crua transforma-se em biopolítica uma vez colonizada pela instituição. A vida nua e crua se chama “Zoe”, que vem de *zoo* de zoologia. A vida que se submeteu a uma biopolítica se chama Bios. Os *irregulares* estão na Zoe, não na Bios (p. 64).

Célio Garcia nos diz que “a vida nua, na carência, não é um assujeitamento.” Está em jogo o agir e a criatividade. “Nem a dignidade é conquistada graças ao trabalho, tampouco é garantia da virtude: a criatividade surge das circunstâncias da vida (p.70).”

Para Célio, a arte, o objeto entre os artistas, é “matéria e singularidade”. Os artistas se posicionaram contra o império da representação, produzindo objetos distintos, diferentes, objeto e matéria importando mais que a coisa. Também a arte dos *irregulares*, que transformam os objetos desmarcados em outra coisa, transporta-os para um outro olhar, para conhecer novos lugares no mundo.

“Esta Mira! Como ela pronuncia, diz bem o que ela é, sem que por isso tenha que *ceder seu ser*, como ela diz igualmente (p.47).”

Célio Garcia e Estamira nos modificaram com suas distintas e originais leituras.

Resenha de **Inês Seabra Abreu Rocha**

GARCIA, Célio. *Interfaces em seus enredamentos*. Horizonte: Oficina de Arte e Prosa, 2011. (Coleção Clínica do Social).

Ao abrir o livro “Interfaces”, de Célio Garcia, verifica-se de saída, logo na página inicial da apresentação, que o primeiro objeto gerado em sua perspectiva se encontra determinado pelas variações semânticas dados ao termo de “rede”. Conforme a prática discursiva que se adota, temos ora a “rede com majorante” definida pela relação hierárquica ordenada, cujo exemplo é o organograma; ora a rede estruturada por uma posição central distribuidora, como era o caso da primeira rede entre computadores. Já a rede social com “webmaster”, que permite a comunicação recíproca entre todos os elementos, distingue-se da rede rizomática, aonde a relação de proximidade ou de vizinhança define o modo de ligação de seus elementos. Ao termo dessa breve lista, encontramos finalmente a Rede de Redes, concebida, segundo o autor, como um artefato capaz de funcionar em meio a restrições administrativas por ser dotado de uma flexibilidade própria, permitindo inventar modalidades inéditas. Na visão de Célio Garcia, essa “Rede de Redes” seria por definição inacabada por funcionar no regime do caso a caso onde se pode alcançar o elemento imprevisto.

Por que, então, eis a questão que gostaria de colocar a respeito desse livro, Célio Garcia se vale, com tanta destreza, da imagem da rede eu diria não como metáfora, mas como suporte analógico para tornar pensável as interfaces que a psicanálise exhibe em suas articulações com os variados domínios da saúde mental? A analogia, como se sabe, é uma tentativa de tornar pensável uma coisa desconhecida por comparação com algo já conhecido. Do ponto de vista de sua descrição técnica, dizemos que o elemento conhecido corresponde ao *foro* da analogia, ao passo que aquilo que se quer fazer conhecer vem a ser seu *tema*, como é o caso emblemático do curso de um rio tomado como meio para se pensar o fluxo do tempo linear. Mas é importante frisar que esse tornar pensável não é uma pura abstração; ele

responde ao uso que se pretende fazer de uma ideia nova ou de um paradigma cujo sentido ainda foge à clara evidência.

Chaïm Perelman nos ensina, por exemplo, que quando Descartes se serve da expressão “encadeamento de ideias” para exibir seu método, a naturalidade dessa imagem nos impede de enxergar que se trata de um recorte artificial (PERELMAN, 2004, p. 339). Pois, por si mesmas, as ideias não dispõem de cadeias. Se ele se serve dessa expressão, é porque lhe interessa enfatizar a imagem de uma corrente da qual, se um elo for omitido, o restante da sequência se desfaz. Lacan, por sua vez, quando se vale da imagem do ponto de estofamento como foro para tratar da operação de significação, está às voltas, como os lacanianos bem o sabem, com a necessidade de tornar pensável o efeito retroativo da cadeia significativa. Já no momento em que ele fala da angústia, no seminário dedicado a esse tema, a analogia já não é mais com a cadeia nem com o ponto de estofamento, mas com as malhas do significativo: ele necessita da ideia da malha como foro para pensar a dimensão simbólica como algo que retém ao mesmo tempo que deixa escapar, construindo a noção de objeto de angústia justamente como aquilo que escapa a essa malha.

O uso, portanto, da analogia, por mais sedutora e singela que essa nos pareça, está longe de ser um gesto natural ou inocente. Basta que o raciocínio seja concebido como cadeia, como estofamento ou como malha para que a relação entre o discurso e seus elementos seja vista numa perspectiva totalmente distinta. Quando nos servimos, para retomar o exemplo de Perelman, da imagem de um jogo de xadrez como foro para conceber uma batalha campal, deixamos evidentemente de lado o seu aspecto sangrento para expor somente o que ali se deixa definir numa relação formal de estratégia. Cada foro escolhido estrutura diferentemente seu tema, colocando alguns elementos em evidência e deixando outros despercebidos. Por que, então, retomo minha pergunta, Célio Garcia se serve da tessitura da rede como foro para pensar o alcance de uma singularidade que não pode ser contemplada sem a orientação do discurso psicanalítico? Seria o caso de dizer que ali também se ilumina preferencialmente certos aspectos dessa interface? Se assim o for, o que é trazido à luz e o que se deixa na sombra quando nos servimos dessa perspectiva? Ou seria antes o caso de dizer que não, que o que se encontra em questão, nessa Rede de Redes, é uma necessidade epistêmica de suspender todo foco para iluminar, conforme seus termos, a imprevisibilidade estrutural de toda singularidade subjetiva?

Do ponto de vista da constituição histórica do termo, Milton Santos nos ensina que foi preciso aguardar o surgimento da definição de química com Lavoisier, na passagem do século XVII para o século XVIII, que ao formulá-la como “ciência da ligação e da comunicação das substâncias”, inauguraria o uso propriamente conceitual da palavra *rede* (SANTOS, 2004, p. 261). Sua imagem nos remete, portanto, à ideia de uma realidade pensada mais pelas conexões e interfaces do que pela substância de seus elementos. Dessa assubstancialidade da rede Milton Santos deduz que uma de suas principais características é a de ser, em si, apenas uma abstração virtual; sua realidade efetiva (no sentido de *Wirklichkeit*) somente se apresenta quando acionada no campo concreto da experiência (IDEM, p. 277).

Se me fosse, então, permitido acionar, uma só vez, a rede psicanalítica da associação livre, eu diria que a primeira ideia que a imagem da rede evoca é aquela de uma rede de amparo. Mas acredito que essa não seja uma associação tão particular e restrita a minha experiência. Na realidade, temos todos uma tendência espontânea em articular a rede à ideia de proteção numa associação cuja universalidade responde, por sua vez, ao que suspeitamos, a um outro universal que todos os leitores de Freud conhecem. Eu me refiro ao desamparo como condição universal que Freud coloca na origem de nossa disposição moral, sobre a qual se justifica a atitude de renúncia pulsional encontrada na base do sofrimento psíquico.

Mas sendo o desamparo uma condição universal de todo ser falante, associar a noção de rede à ideia de amparo não nos permite passar do virtual ao real, do universal ao singular, do abstrato ao concreto. Essa referência é insuficiente para conceber o modo de lidar concretamente com a situação singular do sujeito que se apresenta na experiência clínica. Dela extraímos apenas um universal abstrato, vazio de conteúdo, ao qual corresponde uma outra abstração forjada pelo poder do estado e recorrentemente lançada na propaganda política: a oferta de um programa de saúde pública que visa promover o atendimento dito universal, mas cuja universalidade se paga pela impessoalidade inerente ao planejamento do programa. Pois é um fato, assinalado mais de uma vez por Célio Garcia, que não existe programação universal do que se apresenta em nossa experiência clínica. Não existe codificação do sofrimento psíquico acessível a um programa de atendimento universal, posto que o código não alcança a queixa; por isso, ele não atende às exigências mínimas de que necessitamos para operar em nossa prática.

Da impossibilidade de codificar a demanda resulta um impasse que se apresenta no ponto de interseção entre os campos da ciência e da tecnologia, por um lado, e o campo da experiência e da prática clínica, por outro. É próprio à ciência a produção de um saber composto de leis universais aplicadas sobre um campo cuja constituição depende do suporte tecnológico. Para sair do mundo do mais ou menos e entrar no universo da precisão, lembra-nos o historiador A. Koyré, a ciência necessitou se servir da tecnologia como instrumento de controle, produção e verificação dos efeitos mensuráveis e codificáveis da experimentação. Mas, quando se trata do lugar de interseção entre a tecno-ciência e a prática que se efetua no campo da saúde mental, esse controle já não se produz tão naturalmente. Impossível codificar, partindo do parâmetro científico-tecnológico, o que seja, empiricamente falando, um tipo clínico em saúde mental. Nenhuma tecnologia nos permite distinguir o caso típico, no sentido em que o típico se define, no campo da ciência, como elemento que pode ser incluído numa coleção de casos que exibem um comportamento previsível. O efeito de uma terapêutica depende de uma conjunção complexa de fatores que de longe ultrapassam as transformações físico-químicas que um medicamento produz no corpo do paciente, num leque que se estende desde o sentido que tem, para determinado sujeito, estar fazendo uso de uma substância, passando pelo modo de relação transferencial que ele mantém com quem o prescreve, sem mencionar o tipo variável de expectativa que ele dirige aos demais participantes da equipe que dele se ocupa.

Na ausência, portanto, de um saber capaz de definir, de modo consistente, o que seria o caso clínico tipificável no âmbito da patologia mental, a solução proposta foi a de criar uma codificação autocrática, descomprometida com todo esforço de teorização. A nosologia que hoje prevalece, iniciada pelo DSM e finalmente adotada pelo CID, apoia-se numa tipologia de convenções programaticamente ateoréticas, cuja consequência foi a criação de um sistema de redes frouxas e provisórias, composta de listas cujos elementos se encontram sobrepostos sem articulações lógicas definidas. A contrapartida dessa rede frouxa é a lassidão mental dos estudantes e pesquisadores obrigados a adotá-la, a ela colados como a uma teia cujo visco deriva menos de uma adesão subjetiva do que da necessidade puramente gerencial de se prestar conta aos poderes de subvenção e controle.

É em oposição a essa rede frouxa gerada pelas práticas de controle que se aciona, a meu ver, a Rede de Redes lançada por Célio Garcia, cujo tensionamento se produz no nível de uma lógica estabelecida não por algum tipo de teorização prévia, mas pelo saber extraído da observação singular de cada solução subjetiva. É essencial, contudo, observar que se tal Rede se estende nas interfaces da psicanálise com diversas práticas de saúde mental, a referência freudiana não assume em nenhum momento uma função prescritiva. Para entendermos, finalmente, de que é feita essa Rede de Redes tecida por Célio Garcia, seria talvez melhor examinar uma rede construída por outro tecelão, num campo exterior à teoria da psicanálise, para que possamos expor, fora de nosso comprometimento doutrinal, o que significa para nós, psicanalistas, enredarmos numa lógica constituída pelo saber singular de cada sujeito.

Para tanto, eu gostaria de me referir, especificamente, ao paradigma proposto pelo geógrafo Milton Santos (2004), para quem o espaço deve ser pensado como “resultado da inseparabilidade entre sistemas de objetos e sistema de ações” (SANTOS, 2004, p.100). Trata-se de pensar o espaço como *território-processo*, a ser entendido “como um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos naturais e sociais e, de outro lado, a sociedade em movimento” (SANTOS, 1991, p.18). Conforme essa perspectiva, a definição de um distrito sanitário, por exemplo, em vez de ser um recorte territorial imposto por uma autoridade, constitui-se antes como um “lugar de negociação e concertação constante entre os diferentes atores sociais do território distrito” (MENDES, 1993, p.265). Longe de ser tecnocraticamente constituído, esse território deve sua existência ao conjunto de relações geradas pelos processos sociais que nele se desenvolvem. Ele se compõe, digamos, numa cidade banhada por um rio, a partir das relações que ali se estabelecem entre aqueles que vivem da pesca, os trabalhadores de uma represa que do mesmo rio se serve para gerar energia elétrica, assim como pelos funcionários de uma cooperativa que atende à demanda dessa população.

Temos assim, na estrutura dessa rede, uma visão de conjunto que não se confunde com o Universal abstrato, mas que se compõe da observação das interações concretas entre os diversos elementos que dela participam. Se a transpormos para o nível do atendimento clínico, diríamos, então, que da mesma maneira que o conceito de território-processo deve servir de guia para as políticas sociais de saúde pública, a consideração das soluções encontradas pelo sujeito em atendimento devem

orientar o vetor que tensiona a Rede de Redes concebida por Célio Garcia. Trata-se, enfim, de uma Rede que nos permite fazer com que o sistema não se apresente no mesmo lugar, lembrando que quem reincide não é o paciente, mas “a instituição na sua mesmice, no seu anacronismo, nos seus hábitos, quanto tudo em volta se modifica e evolui”.

Resenha de **Antônio Teixeira**

SOBRE O SUJEITO PÓS-FREUDIANO

***Inconsciente Responsabilidade*, de Jorge Forbes, discute o lugar da psicanálise no século 21**

Leda Tenório da Motta - O Estado de São Paulo, 02/06/2012.

Para além de todo e qualquer domínio teórico, alguns requisitos prévios parecem impor-se a quem queira manejar o texto suntuoso de Jacques Lacan. Eles são mais da ordem do dom. Facilidade tal com a língua francesa que permita reencontrar o significado numa sintaxe tão mais torturante quanto *mallarmeana*. Senso de humor suficiente para levar a sério a função da *blague* nesta reformulação da ciência do inconsciente que, sem prejuízo da contradição que nos funda, deslocou Édipo Rei de Sófocles para Ubu Rei de Alfred Jarry, aliás, salvando da censura uma obra ilhada de Freud, Os Chistes e Sua Relação com o Inconsciente. Sangue frio para não ceder aos golpes de estilo do mestre e pôr-se a mimetizá-lo, obscurecendo o obscuro e traíndo a própria cláusula lacaniana do estilo como remédio contra a linguagem que nos fala, já que o lacanês é a ausência do autor.

Se tudo isso estiver certo, *Inconsciente e Responsabilidade - Uma Psicanálise para o Século XXI*, de Jorge Forbes, tem chances de ser o balanço de Lacan e a interrogação de seus préstimos a 100 anos de distância de Freud que pretende ser.

Aqui, à verve se responde com a verve, numa contra-assinatura autoral digna da tarefa pretendida. E a melhor prova disso é certa nomenclatura principal do livro - o homem "desbussolado", o mundo "desbussolado" - tirada diretamente do francês coloquial "déboussolé", sem nenhuma contemplação vernacular -, com que se recobre a condição do sujeito pós-freudiano, situado fora dos grandes valores verticais da autoridade, num mundo de relações horizontalizadas. Refere-se a essa situação não mais "pai-orientada" todo o esforço do autor no sentido de repensar o papel tanto dos que se arvoram em exercer a velha arte da cura pela palavra quanto dos que pela palavra buscam se libertar.

Mas tampouco é estranha à liberdade de movimento de Forbes a palavra "responsabilidade", menos enfatuada que "ética" e "moral", que se costuma acionar em incursões deste tipo, menos culpabilizante e melhor administradora da angústia que toda chamada à moralidade desencadeia em quem é chamado. Como se pode depreender deste apanhado da ideia principal - "O título Inconsciente e Responsabilidade junta duas palavras que habitualmente não se frequentam, a ponto de ser comum ouvirmos, frente a um questionamento, uma pessoa se defender dizendo: 'Ah, só se foi o meu inconsciente', como se o inconsciente não fosse de sua responsabilidade." Fiel ao último e mais inquietante Lacan, o da denominada "segunda clínica", em que recuam os valores do Pai, tal aceitação da imputação de responsabilidade diz respeito a um novo sujeito histórico, cujo sintoma já não se resolve por levantamento do recalque, o que é da ordem da decifração do complexo. Antes, para além desta interposição, por uma espécie de auto-organização, que consiste não em decifrar e sim em cifrar. Nesta outra circunstância, o sujeito diz seu caos, como um poeta de si mesmo. Sem emprestar-lhe nenhuma acepção prazerosa tola, esse dizer desamparado e impositivo é o que Lacan chamou o "gozo".

Todas as demais marcas do diferencial que Forbes inscreve na cultura dos curadores que nos cercam, vem daí.

Seja seu anticatastrofismo, que, indisposto contra o lugar-comum da visão do "pandemônio", troca a recusa do presente pela suposição de que as pessoas não estão assim tão desorientadas como querem fazer crer as novas religiões, os recrudescimentos do conservadorismo e as psiquiatrias medicamentosas. O que pode ser constatado, por exemplo, junto àqueles jovens que, em vez de querer pôr fogo na escola, escolhem exprimir-se através da música eletrônica, ou dos esportes radicais, o que é passar da dimensão da briga com o controle à dimensão do autocontrole.

Seja seu entendimento não piedoso de nossas relações com nossos semelhantes, que, brigando com as psicanálises que cruzam Marx e Freud, fixa-se nos embates do sujeito consigo mesmo, antes que com o objeto. Furta-se, enfim, aos discursos sobre a modernidade injusta que nos possibilitou aceder ao desejo e, bem por isso, não nos deixa sair de nós. Pois para Forbes como para Lacan, não se trata de sairmos de nós, mas de entrarmos em nós. Não porque sejam antiéticos ou cínicos e sim porque, em psicanálise, o outro é sempre fantasmático, isto é, inacessível, enquanto os outros - que Lacan chamou o Grande Outro - são a voz do senso comum, que é o contrário da libertação.

Voltando a Jarry, vale lembrar quanto a psicanálise *made in France*, que se verte em discurso ubuesco, é insuflada pelas vanguardas da primeira metade do século 20, a cujos muitos redutos - surrealismo e diásporas surrealistas, colégio de sociologia e patafísica - Lacan pertenceu. E é bom ressaltar que é desse mesmo espírito dissidente que Forbes participa, quando reencaminha o gozo da palavra cravada como saída para nós sujeitos atuais, na contramão da vigilância do Grande Pai ideológico que, por aqui, segue reputando imorais os excessos do sujeito e da palavra.

Leda Tenório da Motta é professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Semiótica da PUC-SP. Publicou, entre outros livros, *Proust - a violência sutil do riso* (Perspectiva), *Roland Barthes - uma biografia intelectual* (Iluminuras).

MURAL DAS BIBLIOTECAS

SEÇÃO RIO

Por Andrea Reis

No dia 9 de julho de 2012 aconteceu a primeira atividade preparatória ao XXI Encontro Brasileiro do Campo Freudiano que contou com a apresentação do trabalho de Paula Borsoi e com a presença da convidada Lêda Guimarães.

Paula apresentou seu texto: "Do amor ao Impossível", de onde foram extraídas inúmeras questões para o debate. Tratou do gozo feminino, da afinidade entre semblante e feminino, da radical diferença entre os sexos para finalmente abordar o tema de um amor que inclui o impossível e de como os testemunhos de passe nos ensinam sobre este tema.

Lêda Guimarães nos falou sobre suas elaborações em torno da articulação entre dois importantes conceitos: a "crença no Pai" e a "crença na mulher", temas que ela vem pesquisando nos últimos tempos e que dão prosseguimento ao que foi abordado por seu seminário realizado em Miami em novembro de 2009.

Nesta mesma ocasião fizemos o lançamento de *Logos 7*, da NEL, publicação que traz o rico trabalho de pesquisa de Lêda Guimarães, apresentado em seu Seminário: "El estatuto de la feminidad en nuestros días".

“O que nos ensinam os autistas” de Eric Laurent

Eric Laurent inicia esse texto (publicado em “*Autismo(s) e Atualidade: uma leitura lacaniana*”), referente á uma conferência pronunciada no dia 09 de junho de 2011 no Colégio Brasileiro de Cirurgiões, no Rio de Janeiro, apontando dois problemas que o “espectro dos autismos”, expressão utilizada atualmente nas classificações em psicopatologia, implica:

1 – por não se saber exatamente o que o termo autismo nomeia, em 20 anos multiplicou-se por 10 o número de sujeitos incluídos nessa categoria, atingindo uma frequência de 1 em cada 150 crianças, fazendo com que um crescimento dessa ordem desemboque, em 10 anos, na classificação de 1 em cada 50 crianças como autista. A pergunta que se coloca de imediato é: o que se mede exatamente? – sabendo-se que esse movimento de incremento é comum a todo campo da psiquiatria infanto-juvenil.

2 – o segundo problema apontado por E. Laurent é que não existe medicação reconhecida como tal para essa patologia, fazendo com que toda tentativa da farmacopéia de propor uma medicação conduza a um impasse: o modelo que consiste em prescrever um medicamento, constatar seus efeitos e depois dizer que a enfermidade é um *déficit* do mesmo.

Assim, continua Laurent, “toda metáfora que se estabeleceu na língua comum entre pacientes e médicos, abordando a enfermidade mental como um desequilíbrio químico que precisa ser compensado, é falsa ciência, é o império de uma metáfora. Uma enfermidade da língua, como dizia Wittgenstein, contamina a língua comum. Também é assim quando se utiliza a ocitocina, o que não permitiria qualificar o autismo como um *déficit* de ocitocina”.

Sabemos que tal raciocínio incorre numa petição de princípio.

Dando sequencia a sua exposição, Laurent, parafraseando Lacan, considera a questão preliminar a todo tratamento possível dos autistas, se referindo à diversidade, podendo-se dizer o espectro, de testemunhos de autistas, que dão uma ideia muito interessante de como eles foram suportes da medicação ou, às vezes, como inventaram uma máquina para tratar o insuportável do que viviam. Laurent afirma que “há certo uso da instância da letra em sua relação com o campo da palavra que é particular a esses sujeitos, distinto do campo da psicose.” Vale a pena conferir a pequena série, como diz Laurent, destes testemunhos, considerada por ele.

Laurent vê nessas tentativas de reduzir a língua a um cálculo ou à repetição de letras maneiras de silenciar os equívocos da língua, ou silenciar o ruído da língua enquanto equivoca todo o tempo. No entanto, para Laurent, esse cálculo não se realiza sem o gozo nele implicado. O que se constata nesse espectro dos sujeitos autistas é um cálculo da língua totalmente separado do corpo e que, então, não funciona como um delírio psicótico, onde algo do imaginário do corpo está sempre implicado, como Schreber testemunha.

Assim, temos de um lado esse cálculo transparente, e do outro a dificuldade testemunhada pelos autistas em conseguir estabilizar sua relação com o corpo.

Nesta mesma via, vemos que, no espectro da experiência autista, o cálculo da língua não se realiza sem o isolamento de um objeto: num ponto do espectro é um *enforma*, e em outro, é um *sem forma*. Laurent cita o caso de crianças autistas abandonadas à própria sorte, em que o objeto de gozo *sem forma* (as fezes, por exemplo), diferentemente do objeto *enforma* – o *cattle trap* de Temple Grandin – se impõe ao corpo, se inclui de uma maneira tão paradoxal no corpo, que é preciso extraí-lo a qualquer custo, mesmo o da dor que essa extração implica. Citando outro exemplo, Laurent diz que a criança que não pode nomear o que existe no mundo tapa seus ouvidos, porque a língua lhe grita todos os equívocos possíveis. O objeto não nomeado desperta o rumor da língua, concluímos. Contrariamente a certas pesquisas, trata-se aí de sensibilidade do lado alucinatório, não auditiva. Alucinação particular, diferente do registro alucinatório da psicose. Em outro exemplo, Laurent mostra como a ironia autista de um menino da Galícia isola na língua algo de real que lhe permite silenciar o poder da língua.

Laurent aponta, nesses casos citados, “como se trata de maneira múltipla o múltiplo da língua e da letra em sua repetição, não sem o objeto sem forma. O objeto sem forma reenvia – para além das formas do objeto parcial, o objeto *a* – a um *acontecimento de corpo* fundamental no sujeito autista.”

Quanto a esse fator, Laurent propôs, desde os anos 90, que o retorno do gozo, não no corpo – como ocorre na psicose esquizofrênica – ou no Outro, como na psicose paranoica, no autismo ocorre em uma borda do corpo; especificamente nessa borda. Como considera J-A. Miller em sua leitura do último ensino de Lacan os fenômenos de borda como um caso de acontecimento de corpo particular ao autismo.

Laurent distingue, ainda, os fenômenos na psicose situados do lado do transtorno da cadeia entre dois significantes, S1 – S2, com a ruptura dos mecanismos de mensagem entre um e outro, fundamentais em toda patologia alucinatória, como também rupturas de barreiras (Kraepelin), na esquizofrenia ou na esquizofrenia paranoide, em que essa interrupção é fundamental, enquanto no autismo não há tal interrupção. Trata-se aí mais da repetição de um Um separado de um outro, que não reenvia a um outro e que produz, ao mesmo tempo, um efeito de gozo.

É o que testemunha Sean Barron com sua manipulação de letras para nomear uma estação de rádio, em que era fundamental que as letras fossem tomadas uma a uma, com uma separação nítida entre elas. A lista que constituía o Um era composta exatamente da iteração de letras, sem se constituir um significante que reenviasse a outro. Como diz J-A. Miller em seu curso de 2011 é uma “iteração pura”, porque o Um do gozo não pode ser apagado, não há apagamento dessa marca do acontecimento de corpo. É isto o acontecimento de corpo: uma palavra é pronunciada e a criança fica submetida a um horror particular, como indica Lacan em sua “Conferência sobre o sintoma em Genebra”. Esse não apagamento do Um marca o corpo como um corpo que goza de si mesmo, num mais além do Princípio do Prazer, implicando uma zona terrível – uma zona de gozo – em que se vê como o corpo é invadido por um pleno de gozo, e como os sujeitos autistas, em suas tentativas de estabilizar sua relação com o acontecimento de corpo, buscam extrair algo do corpo.

É esta a dimensão do real – como aquilo a que não falta nada, onde não há buracos e, portanto, não é possível extrair algo para por no buraco - a que as crianças autistas têm um acesso terrível e nos ensinam com seus transtornos e sua angústia intensa. Buscam como demonstra o comentário feito por J-A. Miller do caso Robert, dos Lefort, “produzir um buraco para, depois, extrair algo do corpo e colocá-lo aí e, assim, acalmar esse gozo infernal do acontecimento de corpo que invade o sujeito.”

Cássia M. R. Guardado

DELEGAÇÃO PARAÍBA

Por **Vânia Ferreira**

A Delegação Paraíba teve a alegria de realizar o lançamento do livro: Autismo(s) e atualidades: uma leitura Lacaniana.

Diante de um público atento, iniciamos um debate, cujas convidadas, Sandra Conrado e Glacy Gorsky, desenvolveram uma entusiasmada discussão em torno da questão do autismo tanto em relação ao tratamento psicanalítico quanto em relação a toda uma polêmica deflagrada na França onde foi aberta uma campanha com o objetivo de excluir a Psicanálise do tratamento com sujeitos autistas.

A questão do autismo foi destacada como não se limitando ao clínico e ao epistêmico, mas se estendendo ao político. O discurso cientificista, orquestrado pelas terapias comportamentais e desenvolvimentistas estão causando um verdadeiro rebuliço em toda comunidade orientada pela Psicanálise de Freud e Lacan.

A psicanálise precisa se posicionar ética e politicamente no seu trabalho de transmissão, no seu trabalho clínico, nos seus testemunhos em que se privilegia a singularidade do sujeito e não um sujeito adestrado e condicionado a técnicas sócio-educativas.

Sob o ponto de vista do tratamento, destacou-se a via do *sinthome*, trazida pelo texto de Laurent no sentido em que o retorno do gozo não se efetua nem no lugar do outro (como na paranoia), nem no lugar do corpo (como na esquizofrenia), mas sobretudo em uma borda, que seria a construção de um espaço de jogo, equivalente ao espaço dos equívocos como de dá nas neuroses.

Os textos de Laurent e Rosário foram amplamente explorados, gerando uma rica discussão, causando o interesse e envolvimento do público presente.

Foi uma grande noite da Biblioteca!

Na primeira quinta-feira de agosto a Secretaria de Biblioteca da Delegação Paraíba promoveu uma atividade preparatória para o XIX Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, conjugando dois eventos: O lançamento do livro: O FEMININO QUE ACONTECE NO CORPO e a exibição do filme AS HORAS.

O filme AS HORAS, bastante premiado, entre tantas questões, põe a baila, de forma exuberante os impasses sobre o feminino. Um significante - Mrs Dalloway - atravessa três épocas, costurando a vida de três mulheres: Virginia, Laura e Clarissa, destacando aspectos que contemplam o enigma da Mulher: A insatisfação, a morte iminente e o encontro inexorável com a outra Mulher são os traços que perpassam as personagens.

O título AS HORAS traz a ideia do confronto com o vazio estrutural do ser humano e com a castração, tal como expressa a personagem Richard se dirigindo a Clarissa: “Dando festas para encobrir o silêncio”.

Após a exibição do filme abriu-se o debate sob a animação das colegas Cleide Pereira e Margarida Assad, atuais coordenadoras dos seminários preparatórios para o EBCF, que contribuíram muito com suas pontuações e comentários articulados ao livro e aos estudos iniciados desde o início do ano nos nossos seminários. À Cleide e Margarida nossos agradecimentos.

SEÇÃO PERNAMBUCO

Por **José Carlos Lapenda**

O lançamento de *O feminino que acontece no corpo: a prática da psicanálise nos confins do simbólico* marcou a abertura dos trabalhos do segundo semestre para a Seção Pernambuco da Escola Brasileira de Psicanálise. Realizado na noite do último sete de agosto, deu prosseguimento às atividades realizadas este ano em preparação ao XIX Encontro Brasileiro do Campo Freudiano e à VII Jornada da Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Pernambuco, numa parceria da Biblioteca Maria do Carmo Vieira com a Diretoria de Cartéis. A solenidade contou ainda com a palestra *O entusiasmo*, de Gisella Sette Lopes.

Na apresentação do livro – o segundo em série da Escola Brasileira de Psicanálise, editado pela Scriptum de Belo Horizonte – José Carlos Lapenda destacou a qualidade dos textos e a atualidade do tema tanto para a clínica quanto à leitura do mundo atual. E ressaltou especialmente o trabalho de tradução, em cartel, de *A feminilidade de Freud*.

O evento foi encerrado com a venda do livro e com um lanche de conagraçamento entre os convidados e os que fazem a EBP-PE, quando todos os exemplares disponibilizados no lançamento foram adquiridos.

DELEGAÇÃO PARANÁ

Por **Teresa Pavone**

29 de Março A primeira atividade preparatória para o Encontro Brasileiro do Campo Freudiano: *Mulheres de hoje: figuras do feminino no discurso analítico, Salvador-Bahia, dias 23 e 24 de novembro de 2012.*

Psicanálise no séc. XXI- conexão cinema contemporâneo.

Apresentação e debate do filme: **A PELE QUE HABITO** (*La piel que habito*, Espanha, 2011).

A atividade proporcionou uma animada discussão de mais uma trama de complexidade única, do grande cineasta Pedro Almodóvar. A história se passa justamente no ano presente- 2012, quando presenciamos a ciência e a tecnologia chegarem a extremos de sua evolução e sofisticação, pois o homem as usa em uma tentativa de evitar o irredutível da castração, do envelhecimento e da morte. Antonio Banderas em uma interpretação esplêndida, é o bem-sucedido cirurgião plástico Robert, que após a trágica morte de sua esposa (que tem seu corpo completamente incinerado em um acidente), busca a fórmula de uma “pele perfeita”, que poderia tê-la salvado. Robert se dedica a construir uma pele capaz de resistir à dor, misturando DNA humano com suíno, ultrapassando os limites da ética.

Robert traz em seu personagem sem limites, questões polêmicas contemporâneas acerca dos avanços da ciência e de suas consequências, sobre a ética, sobre a manipulação genética, sobre a luta contra a morte, sobre violência, amor e sexo. Os temas são inesgotáveis. A trama se desenvolve em múltiplas teias seguindo e retrocedendo na história narrada em um suspense inigualável com as marcas inconfundíveis do diretor. Temas atualíssimos transbordam na tela em imagens e diálogos por vezes sutis, por vezes escancarando o real, são humorísticos e dramáticos tudo em um único tempo: amor, ódio, sexualidade, Édipo, a diferença entre os sexos, drogas, medicalização, mudança de sexo, perversão, crueldade, retratando o horror e o mal-estar que habita o sujeito contemporâneo e sobretudo o filme trata da beleza feminina construída na transformação de um corpo masculino mas não alcançada pelo ser.

O debate foi animado por Maria Otilia Bento Holz, Nohemí Ibáñez Brown e Teresa Pavone.

Foram destacados os seguintes pontos:

O que é uma mulher? Como é possível pelo uso do avanço da ciência colocado a serviço do gozo construir uma ficção, uma fixação do gozo? O protagonista do discurso da ciência Robert, um cientista contemporâneo, delira com o saber científico e modifica o real do corpo, faz existir a mulher ideal. Vinga a morte e violação de sua filha, fazendo do outro o objeto de seu gozo. Constrói Vera à imagem de sua mulher morta, na sequência é seduzido e se apaixona por sua criação, através do olhar (objeto a). À diferença das mulheres de Almodóvar que explodem em amor, paixão, crises nervosas e são mulheres intensas e repletas de histórias. O filme começa com a imagem de um corpo feminino perfeito, mas estático, asséptico, sendo visto como em uma vitrine ou pelo espelho de um laboratório, uma imagem de um corpo sem história, mas que se destaca pelo seu olhar como objeto causa de desejo.

Vicente tornou-se o objeto da manipulação científica e teve que lidar com uma imagem imposta, carregar o espelho da mulher morta do cientista com todas as insígnias do feminino, do qual nada lhe era próprio. Vicente transformado em Vera, por uma cirurgia transexual, é obrigado a vestir o vestido que sempre recusou, quando trabalhava montando vitrines, pois tinha uma firme posição sexual identificada, era um sujeito masculino, amava as mulheres. Cristina, em especial, que por ironia tinha por escolha objetual a homossexualidade.

Como Vera, Vicente se encontrava dentro de um corpo enclausurado, sem história, sem significantes para poder habitar, se apropriar de um corpo feminino. Dentro do encarceramento ao qual fora submetido tentava buscar recursos para manter um mínimo espaço íntimo, fazia Yoga, escrevia o calendário nas paredes, fazia esculturas com as roupas femininas que rasgava.

Houve momentos em que parecia até mesmo que Vicente se apegava ao novo Outro, seu criador. No entanto, o sujeito que a ciência rejeita retorna no real e, ao final do filme, mesmo transformado em um corpo de mulher; ele quer ingenuamente retornar a sua casa, a sua vida anterior, mas vai ter que se virar com sua nova pele, mesmo que insista em sua identidade masculina, seu ser está modificado, nem mais Vicente, nem toda mulher. Ele/ Ela terá que inventar uma nova existência, isso nos apontou o intrigante filme.

Para concluir, transcrevemos um interessante comentário de uma referência trazida pela colega Nohemí Brown:

“Há um ponto que me parece lindo em um pequeno texto de Jean-Pierre Deffieux, que se coloca como ponto de *capiton* da trama. Me parece fundamental para pensar a resposta a essa questão que Almodóvar abre com seu filme: a diferença sexual e o corpo da biologia. Deffieux retoma a última cena, na que Vera vai procurar a mãe e ela não o reconhece. Não só com um corpo feminino, senão

também com os semblantes da feminilidade, um lindo vestido, lindamente maquiada e depois de um silêncio, ele lhe diz: *Sou Vicente*.

É o Vicente de sempre até o fim, na pele de outra, revestido de feminilidade, mas com seu mesmo gozo. Por isso, me parece linda a conclusão de Deffieux, ele diz: “Almodóvar demonstra que nenhuma ciência, nenhum corte no corpo, modificará a relação do parlêtre (do sujeito com seu corpo como o situa Lacan no Seminário 20) com a singularidade de seu gozo.” (*Lacan Cotidiano* nº29)

12 de abril O lançamento do livro ***Autismo e Atualidade: uma Leitura Lacaniana***- ORGS: *Alberto Murta, Analícea Calmon, Márcia Rosa*. A mesa de debate se constituiu a partir de dois dos textos do livro: **A Transferência na Clínica do Autismo - de Tânia Maria Lima de Abreu –Relatora** Com os comentários de: Nohemí Ibáñez Bronw- membro da EBP/AMP.

A questão do Autismo- Maria do Rosário do Rego Barros. Com os comentários de: Marcia M. Stival Onyszkiewicz- correspondente da Delegação Paraná.



Dos pontos levantados nos dois textos parece fundamental a pergunta introduzida a partir de Eric Laurent sobre “O que nos ensinam os autistas?”, tema da conferência apresentada em 9 de junho de 2011, no Rio de Janeiro. Conferência que também consta no referido livro lançado.

No texto conjunto de Tânia com outros colegas ressaltou-se alguns pontos que já foram debatidos sobre o autismo, como a relação problemática da criança autista com o Outro, mas levando a discussão até suas últimas consequências. Não há propriamente Outro que lhe dê um lugar de sujeito. Há um Outro em seu estatuto real, sem o significante da falta. O que faz com que a criança autista não demande ao Outro, apesar de estar inserido na linguagem, ao não haver demanda dirigida ao Outro, **qual é a direção de tratamento possível para estas crianças?** Portanto, não se trata de uma clínica do sujeito dividido, senão como apontado no texto, a partir de uma citação de Estela Solano, se trataria de um “sou” de gozo.

Ao desenvolver estas questões, levanta-se a hipótese, de que tratar-se-ia de estar no “campo da psicanálise invertida”. Assim a questão fica lançada: trata-se de partir do real em direção ao simbólico? Como pensar o efeito “encontro com o analista” e os efeitos desse encontro?

Nohemí introduziu desse modo o tema e seguiu explorando as questões de ordem diagnóstica e de ordem clínica desenvolvidas no texto. Distinguiu-se o diagnóstico a partir da psiquiatria do diagnóstico desde a prática da psicanálise onde não se realiza um diagnóstico a partir de uma posição de

avaliação de sinais positivos ou negativos, senão desde a relação do sujeito com o Outro, o que faz com que o autismo nos ensine sobre o psiquismo Assim de alguma maneira a aproximação do analista com as crianças autistas é a de “O que nos ensinam os autistas?” Não só com relação ao autismo, senão também com relação ao psiquismo e a subjetividade.

Outra vertente tratada foi: **como um analista pode intervir, se localizar na transferência para um tratamento possível?** Ou em outras palavras o que faz o analista com as invenções que o autista faz, qual sua posição?

A questão diagnóstica para a psicanálise aponta para o encontro com o real, para os modos de resposta frente ao significante que falta ao Outro. Assim os instrumentos diagnósticos são outros em relação à clínica médica, pois sobretudo apontam para a relação que o sujeito estabelece com o Outro e o gozo que daí advém.

Portanto, o que importa é a maneira como o sujeito responde à entrada do Outro na relação de continuidade da primeira infância, do bebê com o mundo, entrada que sempre perturba a relação homeostática. Em outros termos tratar-se-á de localizar esse momento mítico do encontro de um S1 com o corpo, que vem a delimitar um gozo a partir de um corte feito pela linguagem, um encontro sempre singular e do qual o trabalho da criança autista denuncia.

Com relação à vertente clínica, a pergunta é sobre quais podem ser as incidências do encontro do sujeito autista com um analista, para verificar o que na transferência pode se alcançar. Nohemí prossegue assim explorando o texto e ilustrando a partir de um exemplo clínico como a forma do Outro se apresenta na criança autista como um Outro maciço, não havendo intervalos na relação corpo a corpo. Ela traz a precisão do texto demonstrativo de como o autista se defende da presença maciça do Outro, por meio de rabiscos, objetos, botões, mecanismos eletrônicos a maneira de uma máquina. O que seria uma forma de localizar esse corpo despedaçado e o mundo do Outro ameaçador. Através de seus movimentos, as vezes involuntários, e repetitivos o autista tenta eliminar a presença do Outro insuportável. Como indica Laurent, retomado no texto: “quando o objeto entra em seu mundo, desperta o rumor da língua; por mais longe que esteja, é como se estivesse invadido”.

Outra noção importante abordada foi a questão do gozo e seu encapsulamento no sujeito autista, aquele que “recebeu o golpe da fala no seu gozo de corpo vivo, mas que retrocede diante da substituição do gozo primário pelo gozo significante, posicionando-se entre os dois gozos.” O encapsulamento funcionaria como uma neobarreira corporal para se defender do Outro maciço. Assim pode se estabelecer uma clínica diferencial com as psicoses. Na paranóia o gozo é colocado no Outro, um Outro mau que quer gozar do sujeito. Na esquizofrenia é localizado no próprio corpo.

Nohemi ressalta que esta ideia do encapsulamento do gozo permite avançar e localizar onde se detém o sujeito autista, ou seja, ali onde uma metáfora do gozo no corpo não ocorreu. E que no encontro com a criança autista “trata-se de procurar algo que permita deslocar o limite da borda autística após uma extração do objeto onde significantes dotados de um estatuto especial possam advir e ainda algo do corpo tem que ser extraído para que algo de diferente possa entrar na língua do sujeito, no seu dicionário pessoal”. Nohemí conclui ainda: O analista pode ajudar ao autista a se deslocar deste encapsulamento. Como colocam os autores a posição do analista frente ao sujeito autista parte do lugar do Outro, que tem o poder de inserir a criança no discurso, oferecendo-lhe proteção significante. Cabe ao analista *saber ler* esse encontro e estender a lógica do funcionamento autístico ao que ele tem de mais singular.

O texto de Maria do Rosário “conversou” com o primeiro texto apresentado através dos comentários de Márcia que reafirmou a condição do sujeito autista como aquele que se defende do verbo, ao tapar os ouvidos, para não ouvir a fala do outro, conforme nos indica Lacan e a autora nos

lembra em seu texto. “A fala se reduz a um ruído, quando não consegue ser interpretada.” As ideias da autora foram apresentadas pela comentadora através do caso clínico que ilustra a tese de que a criança autista não consegue simbolizar a incidência do gozo no corpo, “não tem a possibilidade de incluir o real do gozo traumático no simbólico”. Trata-se da defesa pelo “encapsulamento” do gozo também tratada neste texto.

Márcia extrai do texto de Maria do Rosário, sempre inspirado na prática clínica que: o Outro para a criança autista é compacto, a língua é compacta e é preciso ajudar a criança autista a “furar” a língua com suas invenções possíveis. Na verdade, a clínica com essas crianças demonstram, nas palavras da autora, que “elas produzem várias formas de furar a língua compacta, na qual o simbólico é real, para que seja possível lidar com uma fala que carregue em si uma enunciação, seja ela a do outro ou a sua própria. É importante acolher esses recursos inventados sem tentar traduzi-los pelo referencial fálico, o que é inoperante e pode ter como consequência o maior fechamento da defesa.”

Comenta Márcia ainda que, segundo o texto, é preciso fazer um esforço para introduzir um menos no sujeito autista que sofre de um excesso de presença do Outro, um Outro excessivamente real e isto nos remete ao contemporâneo onde “a prevalência do objeto de gozo tende a tamponar a falta constitutiva do desejo”. Este é o ponto em que as crianças autistas podem nos ensinar algo.

DELEGAÇÃO Geral GOIAS

Por **Ordália Alves Junqueira**

Em 16 de agosto aconteceu, regado à espumante, o evento de Biblioteca da Delegação Geral Goiás/DF e Atividade Preparatória para o XIX Encontro Brasileiro do Campo Freudiano “*MULHERES DE HOJE, figuras do feminino no discurso analítico*”, com o lançamento do livro **O feminino que acontece no corpo – A prática da psicanálise nos confins do simbólico** (Editora Scriptum, 2012) Segue a resenha feita por Cristina Alves:

Resenha sobre o lançamento do livro “o feminino que acontece no corpo, a prática da psicanálise nos confins do simbólico”.



<http://ebp.org.br/publicacoes/livraria/?revista=4298>

Por **Cristina Alves**

Embora haja sempre algo de indizível no que diz respeito ao feminino, a psicanálise contemporânea de orientação lacanianiana não se cansa em falar sobre o assunto, sobretudo sobre este gozo feminino que escapa ao registro do todo, do Um, e que não é exclusivo das mulheres – apesar de lhes ser constitutivo. E é na busca por essas reflexões que a Escola Brasileira de Psicanálise lançou o livro

O feminino que acontece no corpo – A prática da psicanálise nos confins do simbólico (Editora Scriptum, 2012), uma organização de Heloisa Caldas, Alberto Murta e Claudia Murta.

Na Delegação Geral Goiás/Distrito Federal, o lançamento do livro ocorreu no dia 16 de agosto – evento organizado e coordenado pela Secretária de Biblioteca da DG, Ordália Junqueira.

Além da apresentação de Ordália, o evento na DG contou com a apresentação de dois textos fundamentais presentes no livro: “A feminilidade”, de Sigmund Freud, apresentado por Denizye Zacharias (Membro da DG); e “Mulheres e semblantes”, de Jacques-Alain Miller, apresentado por Jaqueline Coelho (Coordenadora Geral da DG).

Denizye Zacharias primeiramente ressaltou a importância da leitura do livro como uma preparação tanto para o evento nacional da EBP quanto para o nosso evento regional, a V Jornada da DG GO/DF, “*Palavra de Mulher: A experiência do feminino no tratamento analítico*”, que ocorrerá em outubro. O que veio em seguida, em sua fala, foi sem dúvida uma excelente propaganda do livro, já que foram apresentados aspectos bastante relevantes da obra como um todo e em específico do texto de Freud. Denizye mostrou que, no texto em questão, Freud aborda a questão da ruptura na relação mãe-filha e também a importância da mudança de significação subjetiva do clitóris nessa separação. Por fim, Denizye chama a atenção para o esclarecimento que Freud faz sobre a dita passividade feminina e sobre a postura interrogativa do autor que, segundo ela, tem “a delicadeza de um arqueólogo, de não destruir seu tesouro com o próprio instrumento que o desvela”.

Jaqueline Coelho, por sua vez, começou sua fala já com o ponto principal do texto de Miller, numa citação em que o autor afirma que as mulheres têm um ódio muito especial ao semblante. Jaqueline mostra que a tese milleriana parte justamente do fato de que as mulheres têm uma relação muito próxima com o real, já que a castração nelas é de origem. E isso também justificará a existência do analista, pois a psicanálise seria da ordem de um discurso que não é semblante. Por último, Jaqueline dá luz ao que Miller propõe como uma “verdadeira mulher”, aquela que mais se distancia subjetivamente da posição da mãe, “a mulher que tem”.

Ao final das comunicações, apresentamos um vídeo* de divulgação da nossa jornada, que visa justamente à continuação de toda a discussão proposta pelo livro sobre o feminino. A noite de lançamento foi, portanto, um importante evento para o estímulo à curiosidade sobre esse tema tão contemporâneo, estímulo esse que foi confirmado (felizmente) por um sucesso de vendas do livro.

NOTA: Destacamos o vídeo feito por Jaqueline e Denizyê com Ana Lúcia Lutterbach Holck (EBP-RJ/AMP) onde ela responde uma questão feita sobre o seu texto do livro em que ela apresenta consequências clínicas do gozo feminino. Ana Lúcia diz que em uma análise o analista opera mais na escuta do que na escrita, apontando que existe uma relação entre a leitura, a escrita e a interpretação. Ana traz o gozo feminino como sendo opaco ao sentido, à compreensão, que resiste. Lembra a seguinte citação de Miller: “A repetição do Um comemora uma erupção de gozo inesquecível”. Uma marca de gozo que não é atravessada pela compreensão assim, esse significante da precipitação estaria mais associado à escuta e esse gozo opaco é mais regido pela letra, estando mais próximo da leitura. Para completar Ana Lúcia lembra quando no final de seu ensino, Lacan trabalha o *sinthoma* - com “*th*”- (se referindo aqui ao final de análise) já seria um trabalho que é feito pelo analista à partir desse gozo opaco, naquilo que resta como incurável em uma análise sendo que, para esse incurável são encontradas soluções absolutamente singulares pelo sujeito e que o analista faz a leitura do que o analisante pode fazer com isso.



Assim estão as estantes das nossas bibliotecas após ricos intercâmbios com as bibliotecas da EOL e da *École de la cause freudienne*, Paris. Por outro lado, a EBP tem enviado regularmente suas novas publicações tanto para as quatro seções da EOL como para a ECF. Agradecemos à Mónica Wons e a Anne-Charlotte Gauthier respectivamente pelo cuidado no compromisso de dar consistência aos nossos convênios de intercambio.

Quanto a nós cá, o levantamento do estado das coleções das revistas e periódicos da EBP nas suas diferentes bibliotecas está em marcha e logo dará frutos graças também a comunicação mais fluida que os bibliotecários mantêm atualmente conduzida por Edson Mohr da Seção Santa Catarina.

VI Enapol

VI ENAPOL
VI Encuentro Americano
de Psicoanálisis
de la Orientación Lacaniana

HABLAR CON EL CUERPO
LA CRISIS DE LAS NORMAS Y LA AGITACION DE LO REAL

XVIII Encuentro Internacional del Campo Freudiano

con la presencia de Judith Miller, Eric Laurent, Leonardo Garzafoza y Miquel Bassols

Buenos Aires
22 y 23
de noviembre
de 2013

Hotel Panamericano Carlos Pellegrini 551
Ciudad de Buenos Aires
www.enapol.com / info@enapol.com
Edificio de inscripción:
Escuela de la Orientación Lacaniana
Tel. 54 11 4811 2707

As bibliotecas da EBP Brasil foram convidadas a somar-se ao trabalho de investigação bibliográfica preparatório ao VI Enapol que acontecerá em Buenos Aires em novembro de 2013. O link para a bibliografia em português que irá se atualizando periodicamente é: <http://www.enapol.com/pt/template.php?file=Bibliografia.html>

Para conduzir o trabalho designamos Ana Tereza Groisman da Seção Rio de Janeiro que junto com Valéria Ferranti da Seção São Paulo, Luciana Silvano Brandão Lopes da Seção Minas Gerais e os diretores de bibliotecas das Seções da EBP alimentarão a bibliografia.

Como pode-se ler aí há um convite Um por Um: “Caso queiram sugerir algum texto, caso considerem que há alguma leitura que merece ser compartilhada pela comunidade do Campo Freudiano, vocês podem enviá-la para: bibliografia@enapol.com, que providenciaremos sua inclusão”.

Ebook



Organizado para o *XIX Encontro Brasileiro do Campo Freudiano* (Salvador, 23 e 24 de novembro de 2012) e editado pela KBR, o ebook chegou alto no ranking de vendas do campo psi, da recente Amazon Brasil. <http://www.amazon.com.br/dp/B00A4GVGL2>

Expediente

Responsável Comissão Editorial: **Marcela Antelo**. Equipe: **Ana Martha Maia, Frederico Feu, Fernanda Otoni, Jordan Gurgel, Maria Josefina Fuentes, Ondina Machado** (Diretora Secretária da EBP)

Escola Brasileira de Psicanálise

Rua Felipe dos Santos 588, Lourdes, Belo Horizonte, MG

Telefone: 31-32927563 ebp@ebp.org.br - www.ebp.org.br